

A MEMÓRIA, A LINGUAGEM E O ESPAÇO COMO ATIVIDADE DE CRIAÇÃO EM J. D. SALINGER

*Adolfo José de Souza FROTA**

L’histoire ne se répète jamais, elle est
toujours fraîche et nouvelle; la Geste,
elle, renaît incessamment**.

André Jolles

Refletindo sobre o significado da memória na Grécia antiga, Werner Jaeger (2001) cita Platão, pois o filósofo grego acreditava que a lembrança se referia, principalmente, às coisas superiores do espírito com a sua realidade metafísica. Assim, toda forma de saber humano era uma manifestação espiritual, pois quando surgia necessidade, o homem se lembrava do conhecimento que estava no mundo das idéias. A memória, para os gregos, estava intimamente relacionada à busca da identidade, que havia se apagado na transmigração da alma. Para Benjamin (1996), a memória se torna a principal ferramenta dos homens primitivos que empreendiam grandes viagens pelos lugares desconhecidos, ou aqueles que permaneciam em suas comunidades presenciando as mudanças com o passar do tempo. O homem, por sua natureza, tem por tendência ser um contador de histórias. O ato de contar histórias surgiu a partir da necessidade que os homens tinham de relatar suas experiências nas viagens como mercadores, ou mesmo transmitir ensinamentos de plantio e colheita entre os

* Mestrando em Letras e Linguística – UFG.

Email:adolfo_thedrifter@yahoo.com.br

** “A História nunca se repete, é sempre fresca e nova; a saga renasce incessantemente”. Todas as traduções serão de nossa autoria.

agricultores. Os relatos serviam para satisfazer a curiosidade dos ouvintes, e ao mesmo tempo, lhes educavam.

E qual é o papel do narrador na ficção? Sem entrar profundamente na discussão teórica da narrativa, gostaríamos de enfatizar um dos papéis que o narrador assume: o de contar a história de algum acontecimento que lhe chamou a atenção, ou que lhe marcou. E, observando a escassa literatura do autor norte-americano Jerome David Salinger, percebemos que na concepção de sua personagem mais famosa, Seymour Glass, o narrador, que é o seu irmão Buddy, exercitou a capacidade de rememorar alguns momentos significativos. Buddy é o narrador da história de Seymour, é aquele que busca, no “palácio da memória”, os instantes que marcaram, não só a vida da personagem, mas da família inteira.

Para analisar a memória em Salinger, utilizaremos as obras *Nine Stories* (*Nove contos*), com o conto *A Perfect Day for Bananafish* (*O dia perfeito para o peixe-banana*), sobre os instantes finais de Seymour, que se suicida quando passava férias com a esposa Muriel; *Franny and Zooey*, o primeiro conto se refere a crise emocional de Franny, a irmã caçula, no segundo, Franny se refugia em casa e consegue vencer a crise com a ajuda do irmão, Zooey; e também *Raise High the Roof Beam, Carpenters and Seymour, an Introduction* (*Carpinteiros, erguei bem alto a cumeeira e Seymour, uma apresentação*). A primeira história traz Buddy que vai ao casamento de Seymour, que não acontece, e ao sair da igreja, vai de carro com alguns convidados de Muriel para o seu apartamento. Lá, descobrem o seu parentesco com o noivo, são severos com o irmão, mas Buddy consegue lidar com a hostilidade deles. E *Seymour, an Introduction* é uma tentativa do narrador de justificar o suicídio de Seymour, além de trazer importantes informações sobre sua filosofia. E, por fim, analisaremos a carta de Seymour, *Hapworth 16, 1925*, escrita aos 7 anos no acampamento em

Hapworth, que Buddy descobre nos documentos da família e que decide publicar. A história dos Glass é contada por Buddy que se torna o cronista da família.

A lembrança é uma característica que chama atenção na obra de Salinger, pois o seu único romance, *The Catcher in the Rye* (O apanhador no campo de centeio), é a narrativa das aventuras de Holden Caulfield, que, numa clínica psiquiátrica, conta suas experiências no mundo adulto. Podemos assim dizer que a literatura deste autor é baseada na rememoração dos eventos mais significativos da vida de suas personagens. Voltando um pouco na História antiga, os gregos representavam a memória como uma deusa, a Mnemósine, irmã de Cronos (o Tempo) e mãe das musas. Segundo Hesíodo (2003), ela sabe tudo o que é e tudo o que será. O poeta, quando possuído pela Musa, absorve diretamente da memória o conhecimento das origens, das realidades originais. E, literariamente falando, poderíamos dizer que Buddy recebeu “inspiração divina” para compor a saga dos Glass, pois ele, como cronista da família, conseguiu penetrar no mais profundo sentimento das personagens para dali tentar resgatar o sentido da filosofia que animava a família.

Nossa discussão sobre a memória é tão antiga quanto à discussão literária. Como parte fundamental de nosso pensamento, os primeiros textos, pelo menos na parte ocidental do globo, foram escritos na Grécia, pelos filósofos Sócrates e Platão. Na verdade, Sócrates não deixou registro escrito de suas idéias, foi Platão, seu discípulo, quem imortalizou o legado de seu mestre.

O tema da memória é abordada em Fédon (2004), Fedro e Mênon (1996), por Platão. Para ele, o conhecimento não era adquirido pelo homem, e sim, rememorado. O homem tinha todo o conhecimento armazenado na memória, e no decorrer da vida, ele ia se lembrando, de acordo com as suas necessidades. Este conceito de conhecimento encontra

ecos na civilização cristã com Santo Agostinho, que também acreditava que o homem se lembrava das coisas, dos conceitos, e não os aprendia. Para estes dois filósofos, a compreensão das coisas é lembrança, e lembrança é o processo progressivo e gradual do auto-conhecimento.

O que pudemos observar nos contos de Salinger é um narrador que procura relatar a história da família, e este foi o meio que ele encontrou para se auto-conhecer, como narrador e como membro do clã Glass, e quis, desta forma, resgatar a identidade de ambos.

What I *am*, I think, is a thesaurus of undetached prefatory remarks about him. I believe I essentially remain what I've almost always been – a narrator, but one with extremely pressing personal needs. I want to introduce, I want to describe, I want to distribute mementos, amulets, I want to break out my wallet and pass around snapshots, I want to follow my nose” (*Seymour, an Introduction*, p. 107, grifo do autor).¹

A lembrança, para Platão (1996, 2004), se referia às coisas superiores do espírito, em sua experiência com a realidade metafísica. A experiência sensível consegue despertar na alma a recordação da essência das coisas contempladas na eternidade. Vemos nos contos salingerianos não só os momentos de simples acontecimentos como o gato Bloomberg que visita Franny e Zooey (*Zooey*), e deita-se no colo da irmã, mas a crônica familiar ressalta até aqueles momentos de epifania, quando, por exemplo, Buddy se

¹ O que eu sou, acredito, um dicionário de notas introdutórias sobre ele. Eu acredito que continuo a ser, essencialmente, o que eu quase sempre tenho sido – um narrador, mas um narrador que com necessidades pessoais. Quero apresentar, quero descrever, quero distribuir mementos, amuletos, quero desabafar e distribuir fotos, eu quero seguir o meu próprio nariz.

lembra de um haikay escrito pelo irmão (*Zooey*). A epifania é um momento de contato com uma outra realidade superior, o contato com o mundo metafísico, “more than a such a brief experience” (Algo além do que uma breve experiência), segundo Bidney (2005). A memória em Salinger é uma espécie de “ativador” das realidades espirituais, e Buddy a exercita ao trazer esses instantes que o marcaram. Recordar é trazer de volta ao coração, à alma, pois nos dá força em momentos difíceis, é buscar em si a força, a verdade, pois como Jaeger (2001) diz, é na alma que reside a verdade.

Santo Agostinho (2004) foi outro filósofo que se preocupou estudar o tema da memória. Teólogo do século IV d.c., Santo Agostinho é influenciado pelo pensamento grego. Mas, enquanto Platão pregava que o homem se lembrava do mundo das idéias, à medida que necessitava, e com a metempsicose, ele acabava se esquecendo da sua verdadeira realidade, o filósofo cristão dizia que era Deus que dava a memória ao homem, no momento que nascia, e a compara a um grande palácio onde estão os “tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie” (p. 266).

A memória para ele era como um palácio que possuía vários compartimentos, quartos, onde nossas experiências ficavam armazenadas, e eram apreendidas pelos nossos sentidos, por exemplo, as cores, por nossos olhos, os sons pelos ouvidos, etc..., ou rememorados quando surgia necessidade. Mas, não seria propriamente o objeto que ficaria armazenado, e sim as imagens das coisas sensíveis. Desta forma, ele antecipou Saussure com a teoria do significante (a imagem acústica) que produzia significado.

Observamos em Salinger, vários momentos em que, por um dos sentidos, a personagem se lembra de momentos importantes de sua vida. E é principalmente pela visão e audição que as personagens ativam fatos passados. Em *Raise High the Roof Beam, Carpenters*, Buddy encontra o diário

de Seymour, o meio que as pessoas utilizam para registrar seus momentos mais significativos, e após a leitura de alguns trechos, sente-se mais forte para enfrentar os convidados do mal-fadado casamento. Em *Zooey*, a personagem homônima finge ser Buddy e inicia seus argumentos para levantar o ânimo da irmã. O tom da voz quase a engana, e faz Franny pensar, de início, que é Buddy quem lhe fala, o que já mudou sua disposição anímica. Tanto Buddy quanto Franny conseguiram se encontrar e resgatar uma motivação, a confiança na palavra do irmão mais velho, que já havia se desgastado.

Outro acontecimento importante que Buddy se recorda é o curioso encontro com uma garotinha que lhe chamou a atenção por sua beleza. Ele pergunta se a menina tinha namorado e ela responde dois. Buddy pergunta o nome, e a garotinha diz Bobby e Dorothy. Ele se assusta e vai embora. Tempos depois, ao escrever *Zooey*, ele traz de volta o episódio, e em seguida, se lembra de um ensinamento de Seymour, que certa vez lhe disse que “all legitimate religious study must lead to unlearning the differences, the illusory differences, between boys and girls, animals and stones, day and night, heat and cold”² (p. 67-68). O contato com aquela criança fez Buddy, mais tarde, se lembrar de uma das lições de Seymour. A memória daquele ensinamento Zen ressurgiu após o narrador se lembrar do encontro com a menina. A memória reteve o conhecimento, que precisou de um estímulo externo, para voltar. Estímulo, memória e conhecimento já faziam parte da filosofia platônica. Nos seus principais textos, Platão (1996, 2004) defendia a idéia de que o homem não aprendia o conhecimento, e sim o rememorava, trazia à tona. E Santo

² Todo o estudo legítimo da religião deve conduzir para desaprender as diferenças, as diferenças ilusórias, entre os meninos e as meninas, os animais e as pedras, o dia e a noite, o calor e o frio.

Agostinho (2004) também compartilha do mesmo pensamento, da teoria da reminiscência. Mas, enquanto o filósofo grego acreditava na reencarnação, quando o homem estava no mundo espiritual, tinha contato com as verdades absolutas, quando reencarnava, ele se esquecia, Santo Agostinho acreditava na unicidade da existência, pois Deus colocava a ciência no homem assim que ele nascia, e o homem, ao sofrer estímulos externos, se lembrava dos conceitos adquiridos. Seymour, em *Hapworth 16, 1924*, revela compartilhar do mesmo pensamento de Platão, ao se referir a Buddy.

You can easily have no idea how much unawakened knowledge of weeds and splendid flora this lad has brought with him, principally in his spatulate fingers, from previous appearances; unless it interferes with his life's work, this unawakened knowledge must not go down the drain!"³

As lembranças ficam dispersas na memória e cabe aos homens coligi-las. De coligir (colligenda), Santo Agostinho (2004) reconhece sua analogia e parentesco com cogitar (cogitare). Desta forma, prossegue, cogitar seria juntar o conhecimento que está disperso na memória. Neste termo, o que Buddy faz é cogitar sobre a família, ele procura se lembrar dos irmãos e registrar para que a história de sua família não se perca. A memória para Buddy parece funcionar como o mais eficiente mecanismo de registro familiar, e sua preocupação é não deixar que a sua história se apague, que o tempo acabe vencendo, que as pessoas,

³ Vocês facilmente não têm a mínima idéia do quanto de conhecimento adormecido sobre ervas e esplêndida flora esse moço trouxe consigo, principalmente em seus dedos de espátula, de suas vidas anteriores; a não ser que interfira com as suas atividades, este conhecimento adormecido não deve se esgotar.

inclusive de sua família, não se esqueçam de suas próprias vidas.

Tanto a memória quanto o esquecimento têm sido objeto de reflexão dos filósofos desde a Grécia antiga. Para Platão (1996, 2004), o esquecimento estava intimamente relacionado à vida, pois a alma que estava no mundo das idéias, ao retornar a um corpo, acabava se esquecendo de sua pré-existência. Os gregos representavam o esquecimento como um rio, o Letes, cujas águas, aquele que se banhasse, esqueceria de sua vida pregressa. Homero representou o esquecimento não como um castigo, mas como uma condição da alma ao descer para o Hades. Somente aqueles iluminados, como o sábio Tirésias, tinham condições de se lembrar de sua pré-vida. Platão representava o Letes, na República (2004), como uma imensa planície. Já o hinduísmo representava o esquecimento como a morte. Para o poeta italiano Dante Alighieri, o Lete era o rio que purificava e fazia as almas esquecer de seus pecados, e lhes dava condições de entrar no paraíso.

Mircea Eliade (2004) compara o significado do esquecimento entre essas duas culturas. Se para os hindus, a falta da memória significaria a morte, o despertar surgia como condição para a imortalidade. O esquecimento era tido como um cativeiro, pois a alma volta a se ligar a matéria, pois o espírito perde a consciência do Self. A literatura indiana utiliza imagens de acorrentamento, amarração e ignorância para significar a condição humana. Por outro lado, as imagens da libertação, da remoção do véu sobre os olhos, da memória, do despertar e da virgília são usadas para exprimir a transcendência espiritual. É por isso, segue Eliade (2004), que Jesus dizia “Vigiai e orai”, e Buda afirmava que os deuses que se esqueciam de sua condição celestial, acabavam “caindo” e reencarnando como homens. O Dighanikaya (apud ELIADE, 2004), que é uma coleção de longos discursos filosóficos, prega que os deuses caem do

céu quando perdem a memória ou se confundem. Já os deuses que não se esquecem são imutáveis. O esquecimento equivale ao sono ou a perda de si mesmo, a desorientação e a cegueira. É por este motivo que Zooey (*Zooey*) se preocupa com a irmã para que ela não durma sem antes o ouvir, sem antes saber a verdade que ela precisava conhecer.

O grande momento de Zooey (*Zooey*) ocorre quando ele conversa com a irmã para fazê-la reconhecer a origem de seus problemas pessoais, ou seja, a descrença no modelo de educação, de sociedade e de filosofia, o “way of life” americano. “I mean it’s very hard to meditate and live a spiritual life in America” (Quero dizer que é muito difícil meditar e ter uma vida espiritual na América), diz Teddy em *Nine Stories*. Para isso, ele a induz a fazer um exame de consciência, uma auto-análise. Fica evidente que Franny não tem tanta certeza da origem de seu mal, e este é o papel de Zooey na trama, pois ignorância está relacionada ao esquecimento do verdadeiro Self (Âtman). É por este motivo que Jesus diz que devemos nos conhecer a nós mesmos, e Buda era o único que sabia de todas as suas vidas anteriores.

Em *Mito e realidade* (2004, p. 112), Eliade diz:

É notável que, também para Platão, o “esquecimento” dessa condição pleromática não é necessariamente um “pecado”, mas uma consequência do processo da reencarnação. É ao voltar à vida terrestre que a alma “esquece” as Idéias. Não se trata de um esquecimento das existências anteriores – ou seja, do conjunto das experiências pessoais, da “história” – mas do esquecimento das verdades transpessoais e eternas que são as Idéias. A anamnesis filosófica não recupera a recordação dos eventos que fazem parte das existências precedentes, mas das verdades, das estruturas do real.

Ainda com Eliade (2004), a Grécia valorizava a memória de duas formas: a que se referia aos eventos

primordiais (cosmogonia) e aquela que se referia aos eventos históricos pessoais. Aqueles que conseguem recordar suas existências anteriores se preocupam, em primeiro lugar, descobrir a própria história. O esforço em unificar as diversas experiências tem como finalidade desvendar o sentido de seus destinos e unir o início ao fim. Esta afirmação se torna evidente quando Buddy procura remontar as diversas experiências dos irmãos, e sobretudo, Seymour, para que ele consiga, além de “imortalizar” a trajetória de sua família, desvendar o sentido e o destino do irmão, pois ele procurou unir o fim (o conto sobre o suicídio) ao início (a carta de Seymour quando tinha 7 anos e que publica). É pela anamnese (memorização) que o homem penetra profundamente em si, e por ela, pode compreender a sua situação existencial, pelo resgate do seu passado.

A linguagem como força geradora de mitos em J. D. Salinger

Uma das peculiaridades que nos chamou atenção na literatura salingeriana foi o nome criado para as personagens. Em *The Catcher in the Rye*, temos Holden Caulfield, que por aproximação, Hold significa “abraçar”, “segurar”, Call, “chamar” e Field, “campo”, que poderíamos interpretar por “Aquele que, no campo, chama e segura as crianças desgarradas”, o que pela moral do livro, acaba se confirmando. Outra personagem, Seymour Glass, Sey, equivale, foneticamente a See, “ver”, Mour (more), ou seja, “mais”. Seymour é, desta forma, “Aquele que vê mais”. Glass significa “vidro”, portanto, ele é transparente e frágil, por isso pode se fragmentar. O sentido destes nomes já carregam em si uma significação profunda e que já, de alguma forma, revela o caráter das personagens.

Cassirer (2000, p. 17) diz que os sofistas acreditavam que a essência de cada configuração mítica

pudesse ser lida diretamente a partir de seu nome. O nome “não só designa, mas também é esse mesmo ser, e que contém em si, a força do ser [...]”. Podemos, então, observar que Salinger se preocupou em dar nomes que por si só, remetem a própria essência das personagens, que designam suas características fundamentais, suas forças como elementos atuantes diante da sociedade. Buddy, o irmão-narrador, é outra personagem que carrega em si, em seu nome, sua característica, pois o nome em inglês significa “amigo”, “companheiro”.

Ele é considerado pela crítica literária o *auter-ego* de Salinger. O que também nos chama a atenção é que Buddy contesta a autoria do *The Catcher in the Rye*. Além de ser o cronista da família, notamos que a caracterização de Seymour é condicionada por uma força mitologizante, e ao mesmo tempo, socializante, pois o irmão se torna o guru de todos os outros, mesmo estando morto, pois ele passa ser a referência da família, e aquele que consegue unir os irmãos que começam a se dispersar. Franny (*Zooey*) só venceu o colapso nervoso ao ouvir de Zooey, a solução do enigma da *Fat Lady*, pois tanto Zooey quanto Franny deveriam seguir os conselhos de Seymour, e representar para a *Senhora Gorda* da platéia, que era todo mundo, e que era “Christ Himself”. Buddy, finalmente, entende o que significa a lição de Seymour sobre a idéia de que o estudo da religião legítima deve levar a *desaprendizagem* das diferenças, a ilusória diferença entre meninos e meninas, quando vê uma garotinha em Nova Iorque. As palavras do irmão-guru ecoam por entre a família, e todos, de alguma forma, vão absorvendo os ensinamentos dele, e Buddy é quem divulga a importância de Seymour, ao descrever como a família é influenciada por seu legado espiritual, e como, por suas palavras, os irmãos conseguem se descobrir, encontrar soluções para seus problemas pessoais.

É por ter essa importância dentro dos Glass que Buddy procura registrar, à maneira de uma “história sagrada”, a saga de seu “ator” principal, como podemos observar na página 106 de *Seymour, an Introduction*.

He was a great many things to a great many people while he lived, and virtually all things to his brothers and sisters in our somewhat outsized family. Surely he was all *real* things to us: our blue-striped unicorn, our double-lensed burning glass, our consultant genius, or portable conscience, our supercargo, and our one full poet [...]⁴

Para André Jolles (1972, p. 78), “toute Geste a pour terrain le mythe, c’est-à-dire la croyance en une divinité [...]” (toda saga tem por terreno o mito, isto é, a crença numa divindade). O mito, segundo este autor, é a pergunta, quando o homem sente necessidade de entender o mundo à sua volta, ele pergunta, aí se configura o mito. É a tentativa de responder as perguntas sobre o homem, a natureza e os fenômenos. Com este ponto de vista, poderíamos afirmar que Buddy é aquele homem que se questiona, quer entender quem é Seymour, pois a resposta parece ser construída pelos contos. Se o mito é a tentativa de entender o mundo, Buddy tenta entender Seymour, a medida que vai se lembrando dele. Quanto mais distante é o conto do *A Perfect Day for Banana Fish*, menos ação é vista e mais introspecção é buscada, pois, entender Seymour é entender a sua sociedade; enquanto irmão, a família, enquanto ser humano, o mundo. Com a era moderna, não havia necessidade ou prioridade,

⁴ Ele foi muitas coisas para muitas pessoas quando vivia, e virtualmente tudo para seus irmãos e irmãs em nossa família *um tanto quanto especial*. Certamente ele era uma coisa *real* para a gente: o nosso unicórnio azul-listrado, os nossos óculos de dupla-lente, o nosso gênio consultor, ou a consciência portátil, e o nosso poeta completo [...], grifo do autor.

nos parece, de mitologizar o mundo externo, e sim o interno, pois este acabou se revelando tão misterioso e fascinante quanto o outro.

E Müller (apud CASSIRER, 2000), diz que o mito é tudo aquilo condicionado e mediado pela atividade da linguagem. Toda a designação lingüística é essencialmente ambígua, e nesta ambigüidade das palavras, está a fonte primeva de todos os mitos. Como exemplo, Müller utiliza o mito de Dafne e Apolo, pois na etimologia da palavra, Dafne pode ser reportada para *Ahanâ*, que em sânscrito significa “aurora”. A partir daí, o mito das duas divindades se justifica. A perseguição de Febo Apolo (o sol) é a descrição do que acontece todos os dias, pois a aparição da aurora é seguida da aparição do sol, que “corre” atrás da sua amada.

Em Salinger, como dissemos há pouco, pela configuração dos nomes de certas personagens, Seymour e Buddy, por exemplo, conseguimos apreender o significado e a relevância desta caracterização para a compreensão dos contos. E Wilhelm von Humboldt (apud CASSIRER, 2000), reforça que o homem extrai de si a trama da linguagem, e também vai se entretecendo nela e cada linguagem traça um círculo mágico ao redor do povo que pertence. Na literatura salingeriana, o círculo mágico se formou em volta de uma personagem. Na verdade, Seymour é o pretexto maior para que conheçamos a saga de uma família moderna, que tem como guru o irmão mais velho, que está morto, mas que nos corações destes Glass está vivo, e suas palavras continuam a reverberar de forma transparente, e a constituir significados que eles vão conhecendo à medida que vão se descobrindo.

O espaço sagrado como santuário da busca de identidade

Quando lemos os contos de Salinger, percebemos que parte fundamental da trama ocorre, principalmente, em

casa. Buddy leva os convidados do casamento para o seu apartamento em Nova Iorque, Franny vai para casa para se recuperar da crise nervosa. Esses espaços são para eles sagrados, e se diferenciam dos demais, são como refúgios que sevem para a recuperação das forças. Eliade (2001) defende que para o homem sagrado, o espaço não é homogêneo. O espaço tem dimensões diferentes e valores diferenciados. O lugar sagrado é, por consequência, forte, significativo; o profano, por outro lado, não tem estrutura e nem consistência.

Salinger caracterizou suas personagens desta forma: são personagens que estão constantemente em contato com o sagrado, Seymour, Buddy, Franny e Zooey, por exemplo, tem como religião o Zen-Budismo, e flertam com o cristianismo ortodoxo. No quarto de Seymour e Buddy, há várias frases na porta, algumas delas retiradas de textos sagrados da Índia, como o *Bhagavad Gita*. Franny (Zooey), em crise, tenta entender o sentido da frase do Tessalonicenses “Pray without ceasing” (Orai sem cessar), e do Timóteo “I will therefore that man pray everywhere” (sugiro, portanto, que o homem ore em todo o lugar), encontrados no livro *The Way of the pilgrim* e em *The Pilgrim Continue His Way* (*O caminho do peregrino*, e *O peregrino continua o seu caminho*), sobre a jornada espiritual de um cristão na Rússia.

Para Buddy, o apartamento é o lugar sagrado, pois ele o dividia com Seymour, e este foi o primeiro lugar que ele procurou para recuperar forças e enfrentar os convidados do casamento. Este seria o único lugar real, que existia, e todo o resto que o cercava seria um extensão informe. E Eliade (2001) corrobora essa diferenciação ao afirmar que essa não-homogeneidade espacial constitui uma experiência primeira, que corresponde a uma fundação do mundo. O outro lugar sagrado é o apartamento dos Glass, onde todos

nasceram e cresceram. Lá ainda moram Franny e Zooey, e os pais, e é lá que Franny procura a sua terapia.

Além da casa, o estudioso das religiões aponta a igreja como um lugar diferenciado. O homem crê que esta construção seja sagrada. Tanto a igreja quanto a casa são lugares que separam os espaços (sagrado e profano), e indicam, ao mesmo tempo, a distância entre os dois mundos do ser. A porta é o limiar entre os mundos, por ela todos têm que passar, é o limite separador das duas realidades. Ela, para Eliade (2001, p. 29) “*mostra* de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço; daí a sua grande importância religiosa, porque se trata de um símbolo e, ao mesmo Tempo, de um veículo de *passagem*” (grifo do autor).

Zooey (*Zooey*) entra no quarto dos irmãos. O narrador começa a descrevê-lo. Ele, nitidamente, está diferente. Sua ida ao quarto serviu, nos parece, como uma última tentativa de levantar o ânimo da irmã. Lê várias frases retiradas de diversos livros que foram colocadas numa coluna. A partir daí, se senta na poltrona de Seymour por alguns minutos, depois vai para a poltrona de Buddy e pega o telefone. Esse telefone pertencia a Seymour, e mesmo depois de morto, Buddy continuava pagando a linha para que o nome do irmão continuasse na lista telefônica, assim, ele seria lembrado. O telefone parece ser, também, um mediador dos dois mundos, seria o aparelho que faria contato com o além. E é por este telefone que Zooey liga para a irmã e consegue salvá-la.

O fim da crise emocional de Franny acontece, basicamente, por dois motivos: por ela ter falado com Zooey, que mais uma vez, lembrou os ensinamentos de Seymour, e por ela própria ter escolhido ir para casa para se tratar. Este fator é observado por Zooey quando diz:

When you first felt the urge, the *call*, to say the prayer,
you didn't immediately start searching the four corners of

the world for a master. *You came home*. You not only came home but you went into a goddam collapse. So if you look at it in a certain way, by rights you're only entitled to the lowgrade spiritual counsel we're able to give you around here, and no more (*Franny and Zooey*, p. 195, grifo do autor).⁵

O lugar sagrado para Eliade (2001) implica uma hierofania que destaca o território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente. Ele se torna o ponto fixo absoluto do homem, o Centro do Mundo, pois é na casa que se efetuou a rotura dos níveis, e se operou uma abertura em cima (o mundo divino) ou embaixo (o mundo inferior), ou seja, os três níveis cósmicos se comunicam: a Terra, o Céu e o Inferno. A igreja é a Casa de Deus, assim como a casa é o santuário do homem, o Centro do Mundo, porque a totalidade do mundo habitável se encontra à sua volta. Talvez a distância de seu refúgio tenha corroborado a decisão de Seymour de se suicidar, pois ele estava de férias, em um hotel à beira da praia. O que fez nossa hipótese ganhar força foi a maneira como Buddy descreveu o hotel, dando detalhes do apartamento que Seymour se hospedou e da impessoalidade da habitação. A construção de uma casa, para Eliade, é uma decisão grave, que compromete a própria existência do homem. Não é fácil abandoná-la. A casa “é o Universo que o homem construiu para si imitando a criação exemplar dos deuses, a cosmogonia” (2001, p. 54). Ele acredita que toda construção e inauguração de uma casa equivale, simbolicamente, a um novo início, uma repetição

⁵ Quando você sentiu vontade, ouviu o *chamado*, para rezar, você não quis procurar um mestre, imediatamente, pelos quatro cantos do mundo. *Você veio para casa*. Você não só voltou para casa, mas você veio sofrendo uma crise. Então, se você olhar para isso, de uma certa forma, por direito você está apta para os baixos conselhos espirituais que podemos te dar aqui, e não mais que isso (grifo do autor).

do começo primordial. Assim, sendo o homem uma criação divina, ele tem o poder de santificar seu pequeno cosmos, tornando-o semelhante ao mundo dos deuses. E a nossa suspeita é que o afastamento de Seymour de seu santuário, e pelo fato dele não conseguir criar um novo lugar sagrado, tenha o impulsionado a tirar a própria vida.

Prosseguindo em nossa topoanálise, Bachelard (1978) afirma que o espaço santificado pelo homem acaba se tornando um espaço feliz, porque a casa é o nosso primeiro universo, o nosso canto no mundo. É na casa que encontramos conforto, proteção contra as forças adversas, contra o mundo externo. Franny (*Franny*) passa mal no restaurante e desmaia no banheiro. O encontro com Lane Coutell, seu namorado, tem um triste desfecho. Longe de casa, ela perde a força e se sente desprotegida. E Bachelard reforça esta idéia ao dizer que é no lar que nos reconfortamos

vivendo lembranças de proteção. Alguma coisa fechada deve guardar as lembranças deixando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida (1978, p. 201).

A casa, para o filósofo francês, abriga o devaneio, protege o sonhador, nos permite sonhar em paz. “É justamente porque as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios que as moradias do passado são em nós perecíveis” (1978, p. 201). É como o corpo da alma, pois ela tem o poder de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem, sem ela, o homem seria um ser disperso. A casa o mantém através das tempestades da vida. É em sua casa que Franny se encontra, que

consegue o equilíbrio e volta a dormir em paz. Estando perdida, acha o refúgio que precisava, pois este santuário é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade. E é graças à casa, corrobora Bachelard, que um grande número de nossas lembranças estão guardadas. É nos compartimentos dela, como o sótão, a sala de estar e os quartos que as nossas lembranças têm abrigo. A entrada de Zooey no quarto dos irmãos, foi uma forma de volta ao passado, às lembranças de família, à memória, pois foi lá que ele se integrou ao cosmos, foi no quarto dos irmãos, sentados na cadeira de Buddy e ao telefone de Seymour que ele conseguiu vencer o abismo que o separava, assim como separava Franny do mundo externo. Foi na intimidade que ambos encontraram a solução para o conflito com o mundo.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. In: _____. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 183-354.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador*. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 197-221.
- BIDNEY, Martin. *The aestheticist epiphanies of J. D. Salinger*: Bright-hued circles, spheres and patches; “elemental joy and pain”. Disponível em: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m2342/is_1_34/ai_66496014. Acesso em: set. de 2005.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- HESÍODO. *Teogonia*. A origem dos deuses. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- JAEGER, Werner. *Paidéia*. A formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JOLLES, André. *Formes simples*. Trad. Antoine Marie Buguet. Paris: Éditions du Seuil, 1972.
- PLATÃO. *Diálogos*. Mênon, Sofistas e Fedro. Trad. Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- _____. Fédon. In: _____. *Os pensadores*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- _____. República. In: _____. *Os pensadores*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- SALINGER, J. D. *Franny and Zooey*. New York: Bantam Book, 1964.
- _____. *Hapworth, 16, 1924*. Disponível em: <http://www.geocities.com/deadcaulfields/stories/Hapworth_16_1925.txt>. Acesso em: 26 set. 2005.
- _____. *Nine stories*. New York. Signet Books Collection, 1963.
- _____. *Raise high the roof beam, carpenters, and Seymour, an introduction*. New York. Little, Brown Books, sd.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Nova Cultural, 2004.